

# COMENTÁRIOS



SAGRADO COTIDIANO, ‘SAGRADO SELVAGEM’  
– MEMÓRIAS, UTOPIAS, HETEROTOPIAS

Fernanda Arêas Peixoto<sup>1</sup>

A conferência “O sagrado na vida cotidiana”, proferida por Michel Leiris no *Collège de Sociologie* em 8 de janeiro de 1938, constitui um acesso à compreensão do autor e de sua obra, marcada por contaminações criativas, e criadoras, entre antropologia e literatura, já que carrega, em versão concentrada, temas e perspectivas por ele ensaiadas ao longo da vida. Cuidadosamente elaborado desde o ano anterior e finalizado após a leitura pública, como indicam as notas visando a sua preparação, o ensaio auxilia a esclarecer um projeto literário marcado pela veia confessional, assim como os feitos da antropologia leirisiana, ligada de perto à sua literatura, apesar de alguns esforços por ele empreendidos, em mais de uma ocasião, para afirmar a separação entre os ofícios, e as produções a eles ligadas. O texto dá continuidade à reflexão sobre o cotidiano iniciada em *La jeune ethnographie* (1933) e à dicção autobiográfica de *Afrique fantôme* (1934); dialoga com as questões da linguagem, sobre as quais se debruça na tese *La langue secrète des Dogons de Sanga* (1937-1938); indica episódios que serão retomados em sua autobiografia *L’âge d’homme* (1939), prefigurando ainda o projeto de *La règle du jeu*, cujos quatros volumes vêm à público entre 1948 e 1976<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Antropologia da USP, pesquisadora do CNPq e coordenadora do Coletivo ASA – artes, saberes, antropologia (<http://www.coletivoasa.dreamhosters.com>). Autora de *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide* (FAPESP/EDUSP, 2000) e *A viagem como vocação: itinerários, parcerias e formas de conhecimento* (FAPESP/EDUSP, 2015), organizadora, com Adrián Gorelik, de *Ciudades sudamericanas como arenas culturales* (Siglo XXI, 2016). Contato: fareaspeixoto@gmail.com

<sup>2</sup> Sobre a conferência, cf. a apresentação de Denis Hollier a edição dos textos do *Collège de Sociologie* [1979] 1995; a apresentação de Jean Jamin ao volume *Homme sans honneur. Notes pour le sacré dans la vie quotidienne* (1994) e a biografia de Leiris, de autoria de Aliette Armel (1997, p. 385-389).

Afinado, na forma e conteúdo, à produção híbrida de Leiris, que tem no ensaio uma de suas formas de expressão (lembremos que *Miroir de la taouromachie* vem a público no mesmo ano de 1938), o texto constitui também uma via privilegiada para o entendimento da experiência do *Collège de Sociologie*, que reuniu Georges Bataille, Roger Callois, Leiris e outros, na Paris do entre-guerras, permitindo capturar a heterogeneidade da composição do grupo, irmanado na aventura dessa associação *sui generis*, que tem na noção de sagrado, e na ideia de uma “sociologia sagrada”, sua pedra de toque<sup>3</sup>.

Sem ignorar o lugar da conferência no interior do itinerário e da obra de Leiris, muito menos as marcas que o contexto francês dos anos 1930 imprimem sobre as indagações que o texto lança, oriento esta leitura em outra direção, tentando retirar do ensaio, e das notas visando o seu planejamento, algumas sugestões. Longe de sistemático ou conclusivo, este exercício quer funcionar como instrumento de trabalho e de discussão, tomando o escrito de Leiris como inspiração para sondar certas possibilidades analíticas. Nesse sentido, o comentário guarda o tom oral e sucinto que presidiu sua confecção, inclinando-se a uma finalidade mais exploratória do que demonstrativa.

Não são poucas as trilhas reflexivas abertas pelo “Sagrado na vida cotidiana”, sigo aqui apenas uma delas, precisamente aquela que permite sondar as relações entre memória e espaços (utópicos e heterotópicos), que nos conduzem aos nexos entre atividade mnemônica e invenção, poética e política.

1.

As memórias de infância fornecem a matéria da reflexão de Leiris neste texto, que toma a forma proustiana de *recherche*, no sentido de pesquisa e procura de materiais mnemônicos, recriados no presente da narração. Nas notas para a elaboração da conferência, ele indica o tom do projeto:

---

<sup>3</sup> Além do texto pioneiro de Hollier sobre a experiência (cf. supra), ver, entre nós, Goyatá (2016).

“Espécie de romance policial: uma caça de recordações. O acento será colocado, não sobre as lembranças elas mesmas, mas sobre a sua busca. O que deve passar ao primeiro plano não é a antiga emoção que eu procuro reconstituir, mas a emoção presente que eu experimento me lançando a essa *recherche* [...]. Posso, inclusive, me abandonar de modo livre a um tipo de recomposição imaginativa, de reinvenção do fato” (Leiris, 1994, p. 33)<sup>4</sup>.

Leiris sublinha, de modo nítido, os vínculos entre memória e criação, e mais precisamente entre memórias de infância e invenção poética, para as quais Freud chamara a atenção em suas célebres reflexões sobre as “lembranças encobridoras” (Freud, 2010). O passado, menos do que etapa anterior na linha sucessória do tempo, passível de ser recuperado em sua integridade primeira, é transformado e renovado no ato presente de recordar. É a emoção atual que guia o retorno ao passado, permitindo que ele surja como verdade nova, ensina Proust<sup>5</sup>. Às iluminações que o teórico da psicanálise e o autor da *À la recherche du temps perdu* projetam sobre os mecanismos da memória, Leiris acrescenta o caráter sagrado que as recordações assumem, que não se ligam a conteúdos específicos, relacionando-se antes à atitude afetiva daquele que rememora. Afetos e sentimentos assinalam eventos, objetos e lugares do passado, colorindo-os (a imagem é de Leiris no final da conferência), dotando-os de aura e encantamento, ou de um “halo de romance de cavalaria ou conto de fadas”, como ele dirá em suas notas. Em suas palavras:

“Todas essas lembranças infantis que eu rumino não têm nenhum interesse nelas mesmas, nem mesmo para dotar de conteúdo a forma vazia que é noção de sagrado. Elas não têm nenhum interesse senão o interesse que eu confiro a elas, atitude emotiva que adoto logo que as evoco, experimentando assim um comportamento marcado pelo sagrado” (idem, p. 106).

---

<sup>4</sup> Todas as traduções de textos inéditos para o português são minhas.

<sup>5</sup> As referências a Proust são explícitas nas notas preparatórias, por exemplo em um título aventado para o texto, “La recherche de l’honneur perdu”, ou na menção aos “personagens proustianos”, capazes de testemunhar e de transgredir regras (Leiris, 1994, p. 9 e 93).

Memória é, desse modo, exercício criador, que assume caráter sagrado em função da experiência emotiva que acompanha o ato de lembrar, encanando lugares e objetos. Nesse sentido, a ênfase de Leiris recai sobre a prática individual que define e nomeia o (seu) sagrado, enquanto as de Freud e Proust localizam-se nas imagens: seja nas imagens oníricas (nas cenas plásticas que os sonhos projetam), seja naquelas que tomam subitamente o narrador proustiano, disparadas por sensações: um sabor, um olor, um som...

Em Freud é o inconsciente que deflagra as criações oníricas, mais próximas da ficção do que da verdade histórica<sup>6</sup>. Em Proust são os sentidos que disparam as criações mnemônicas (e artísticas). Para Leiris, o cotidiano é o solo das fabulações mnemônicas; cotidiano afetado e transfigurado pela atitude do narrador-rememorador.

Não se trata de confundir sagrado e cotidiano, dissolvendo os termos, mas de eleger a vida ordinária como um dos lugares de germinação do sagrado, o que é possível também em função da distância temporal e de um certo sentimento de “exotismo” que as recordações inevitavelmente portam. Em suas notas, mais uma vez, Leiris esclarece:

“Se experimentei o sentimento do sagrado participando de ritos de religiões que não eram a minha (o catolicismo, ao qual continuo marcado pela educação), isso se deu, sem dúvida, por razões de exotismo. A saber se, no sagrado, não intervém sempre alguma coisa de exótico: a ideia de um mundo diferente, de um domínio sem medida comum, de um país radicalmente longínquo [...] minhas lembranças são sagradas para mim na medida em que me são distantes” (Leiris, 1994, p. 30).

Uma vez passado, o cotidiano, terreno do hábito e da intimidade, converte-se em um país estrangeiro, mesmo para aquele que o conheceu. E tal distância, constitutiva de qualquer experiência transcorrida, não é jamais superada.

---

<sup>6</sup> Pontalis destaca o caráter sempre deformado das lembranças infantis para Freud. Segundo ele, Freud discute como as lembranças de infância são, de fato, lembranças referidas à infância, e como tal, ficções, que é “o que acreditamos ser a nossa memória” (Freud, 2010, p. 12).

Há algo de irredutível na recordação, como nos sonhos e na linguagem poética, dirá Leiris. Irredutibilidade que se liga, em todas essas criações, à uma ilusão de “totalidade” – outro traço a compor o sentido de sagrado leirisiano.

“Em relação aos outros gêneros literários (romance, ensaio etc.), a poesia – e especialmente a poesia lírica – funciona como ‘arte sagrada [...]’. Quando escrevo um ensaio, me mantenho plenamente no terreno do ‘dissociado’. Se escrevo um poema, tenho - ao mesmo momentaneamente - a ilusão de totalidade” (idem, p. 110).

A memória define-se assim como prática preenche de afetos que produz efeitos sobre o mundo ao redor. Ato que se liga a um desejo de totalidade – presente na experiência poética e também no erotismo<sup>7</sup> –, que implica uma distância no tempo, além de colocar limites à sua completa apreensão.

O esforço de rememoração empreendido por Leiris na conferência toma a forma de uma topografia sagrada – espaços interiores, como o quarto parental, o salão e o WC, e espaços exteriores, como o hipódromo ou o jardim público – nos levando a indagar os possíveis rendimentos analíticos das relações entre memória e sagrado. Em que medida a consideração do sagrado do prisma da memória não poderia auxiliar a iluminar dimensões novas de cada um desses domínios?

Tal senda interpretativa foi aberta, de maneira diversa, por M. Halbwachs, em *La topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte* (1941), obra publicada pouco tempo depois da conferência pronunciada por Leiris, mas preparada ao longo dos anos 1930 em função das viagens do autor pela Palestina, e nas quais ele recolhe testemunhos de peregrinos, trechos do Antigo e Novo Testamentos, além de fontes eruditas e obras literárias. Pioneiro nas discussões sociológicas sobre a memória coletiva, e fortemente inspirado nas filosofias de Leibniz e Bergson, Halbwachs neste último livro ensaia outra trilha para tratar o tema da memória. Ainda que sensível, como em seus

---

<sup>7</sup> Sentimento de totalidade assinalado mais tarde por Bataille em sua discussão sobre o erotismo. Cf. *L'erotisme* (1957).

demais trabalhos, aos vínculos entre a memória dos grupos e os espaços, ao analisar a memória cristã e o itinerário dos peregrinos no livro de 1941, ele coloca o foco de sua atenção sobre o caráter móvel das inscrições espaciais, marcadas simbolicamente pela tradição e pelas atitudes dos peregrinos.

Deslocando o acento da discussão das relações entre sagrado e profano, caras à reflexão durkheimiana, Halbwachs enfatiza as práticas e as dinâmicas das crenças, nas quais a memória ocupa lugar privilegiado. Toda religião relembra, comemora eventos e personagens passados, indica, o que o leva a considerar a religião como fato da memória e como prática mnemônica. A memória ofereceria uma perspectiva diversa ao estudo das religiões, retirando-as das substantivações correntes (a religião é...) e das análises funcionalistas (os seus efeitos são...), considerando-as como experiências, ao mesmo tempo, individuais e coletivas (Hervieu-Lèger, 2008).

A conferência de Leiris sobre o sagrado propõe uma geografia íntima e familiar, não se referindo a lugares religiosos, como faz Halbwachs; afinal, sagrado e religião, para ele, não são sinônimos, o primeiro termo ultrapassando e transbordando o segundo, de acordo com o alargamento da noção sugerido por Mauss, e atualizado pelos membros do *Collège*. Mas a topografia sagrada de Leiris é, como a de Halbwachs, simbólica e imaginária, formada e transformada pelo tempo. Além disso, em ambas é possível perceber como os espaços são constituídos, não por sua fisicalidade e fixidez, mas pelo feixe de relações que os engendram (Cléro, 2008). Assim que o quarto parental se define como lócus específico no jogo cruzado das relações entre pai, mãe e filho, enquanto o WC é lugar produzido pelas relações entre irmãos, os dois espaços mobilizando ainda relações entre desejo, respeito e temor, poderes ao mesmo tempo “perturbadores e os mais subterrâneos”, como dirá Leiris a propósito do salão.

Os espaços interiores nomeados pelo autor como “sagrados” caracterizam-se ainda por serem espaços fechados, tocados pelo segredo e por uma atmosfera clandestina, dimensão que será explorada nas monografias antropológicas que Leiris realizou sobre os Dogons, nas quais estudou as sociedades e línguas secretas. Quer dizer, falar em sagrado impõe a separação

e a distância (que o tempo constrói e a nomeação linguística assinala), além de certa dialética entre estranheza e familiaridade, que dá ritmo à reflexão e ao ensaio. Em relação aos espaços exteriores, Leiris faz menção às zonas de transição, vagas e “assombradas pelas escarpas” dos jardins públicos – onde se refugia com o irmão – e aos hipódromos, ambos sacralizados, ou por constituírem espaços “à parte” (as primeiras), ou por se ligarem aos espetáculos fascinantes e maravilhosos (os segundos). Tanto os espaços interiores quanto os exteriores referem-se aos riscos e perigos das zonas limítrofes, o hipódromo relacionando-se ainda aos aspectos sacrificiais do jogo e ao encantamento ritual, sobre o qual Leiris se deterá em *O espelho da tauro-maquia*. Mas, de novo, tais espaços tornam-se sagrados fundamentalmente em função do gesto emotivo daquele que relembra: o “sagrado está ligado ao valor que atribuo à recordação”, ele dirá (Leiris, 1994, p. 110).

À luz da análise notável de Halbwachs sobre a experiência da peregrinação, fundamental para o desenho de uma topografia simbólica, é possível afirmar que para Leiris, a memória, também considerada uma prática, é fator decisivo de fabricação do sagrado, constituído e reafirmado pelo ato mesmo da rememoração.

Talvez seja possível seguir um pouco mais adiante nas trilhas abertas por Leiris sobre as relações entre espaços e memória, aproveitando a sugestão por ele lançada ao dizer que o sagrado é da ordem do “heterogêneo” (Leiris, 1994, p. 61) e que, como tal, se inscreveria em lugares determinados, alterando-se. Nesses termos, não parece exagerado supor que os espaços sagrados mostram-se sempre espaços outros, ou espaços heterotópicos, “espaço que nos projeta para fora de nós”, mas que ao contrário das “utopias”, que não possuem inscrições reais, funcionam como “espécies de contestação ao mesmo tempo míticas e reais do espaço onde vivemos” (Foucault, 1984, p. 1573 e 1575). “Heterotopias de crise” denomina Foucault esses lugares, sagrados ou interditos, reservados a alguns indivíduos durante certo período; lugares que definem um mundo à parte, como o WC ou o hipódromo, partes da topografia, ou das heterotopias, de Leiris.

Mas aos espaços heterotópicos, é bom lembrar, associam-se tempos diversos (ou “heterocronias”, como quer Foucault), que rompem o encadeamento do tempo cronológico, o que nos reenvia às relações entre memória, espaço e sagrado, propostas pelo ensaio de Leiris. Na medida em que faz funcionar passado e presente de modo simultâneo, subvertendo o fio das sucessões, a memória é por definição “heterocronia”, ou suspensão do tempo nos termos de Proust quando fala da “memória involuntária”, ou ainda invenção presente a partir de materiais retirados das experiências infantis, em função de um trauma (Freud), ou de uma atitude afetiva, como propõe Leiris.

Mas além de enfrentar o sagrado por meio das formas espaciais nas quais se encarna, a reflexão de Michel Leiris almeja flagrar o sagrado em estado nascente, emergindo em lugares insuspeitados: ele brota em solo cotidiano, em objetos triviais, lugares comuns e em expressões corriqueiras. Se é assim, não seria possível denominá-lo “selvagem”, em termos próximos ao empregado por Roger Bastide muitos anos depois?

Em conferência bem posterior a de Leiris, Bastide reflete sobre uma modalidade de sagrado que é avesso às instituições religiosas e às normatizações, e que se apresenta nas sociedades ocidentais modernas como irrupção criadora, que ele vislumbra em projetos políticos alternativos e nas expressões artísticas da contracultura, entre outros. Sagrado que Bastide diz ser “selvagem”, porque não-domesticado, fora da ordem instituída, que os movimentos jovens subvertem e contestam, tomando frequentemente os primitivos como modelo e inspiração de modo a definir uma experiência que transborda o mundo ao redor.

Bastide não disfarça a sua simpatia pelos movimentos que eclodem em torno do maio de 1968 que, segundo ele, buscam o sagrado, reinventando-o nas sociedades modernas, pretensamente secularizadas e dessacralizadas. Tais experiências auxiliam-no a retomar o sentido de sagrado como experiência, atitude e prática – criadora e transgressora – que ele vê germinar em solo, à primeira vista, inóspito à sua germinação. “Sagrados revoltados” ou “oníricos”, ele dirá, na base das utopias políticas e da imaginação de novas socialidades e culturas. Em seus termos:

“Permitam então que eu veja nessas experiências de sagrado selvagem, mesmo que desajeitadas ainda, o desejo de retomar o gesto de Moisés batendo com a vara [...] no solo ressecado, para ver se jorrava a água que faz florescer os desertos” (Bastide, 2006, p. 275).

Diferenças à parte<sup>8</sup>, Bastide e Leiris voltam-se para o sagrado em estado nascente, recusando as formas institucionalizadas e petrificadas que ele assumiu em diferentes contextos. Um “sagrado transparente”, dirá Leiris em suas notas, “fora de todos os vapores da Igreja”, ou “fluido, jamais substancializado” (idem, p. 47 e 126). Sagrado cotidiano ou selvagem, que os sujeitos buscam, individual ou coletivamente (de novo, a *recherche*) e que está na matriz de novas criações, heterotópicas (Leiris), utópicas (Bastide), mas sempre poéticas, em função de sua irredutibilidade e dos excessos de sentido que comportam.

## REFERÊNCIAS

ARMEL, Arliette. *Michel Leiris*. Paris: Fayard, 1997.

BASTIDE, Roger. Mémoire collective et sociologie du bricolage. *Bastidiana*, n. 7-8, p. 209-242, 1994.

\_\_\_\_\_. *Le sacré sauvage et autres essais*. Paris: Stock, 1973. Tradução Dorothee de Bruchard. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2006.

BATAILLE, Georges. *L'erotisme*. Paris: Éditions du Minuit, 1957.

---

<sup>8</sup> Nesta conferência Bastide distingue criação e memória, vendo esta última como repetição, o que contraria outras de suas reflexões sobre a memória, por exemplo, aquela empreendida em *Mémoire collective et sociologie du bricolage* (1970).

CLÉRO, Jean Pierre. Halbwachs et l'espace fictionnel de la ville. In: HALBWACHS, Maurice. *La topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte*, p. 43-72.

FOUCAULT, M. Des espaces autres. In: \_\_\_\_\_. *Dits et écrits II, 1976-1988*. Paris: Gallimard, 2001.

FREUD, S. Sur les souvenirs-écrans. In: \_\_\_\_\_. *Huit études sur la mémoire et ses troubles*. Prefácio de Jean-Bertrand Pontalis. Paris: Gallimard, 2010.

GOYATÁ, Julia V. *Georges Bataille e Michel Leiris*. A experiência do sagrado. São Paulo: FAPESP/Humanitas.

HALBWACHS, Maurice. *La topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte*. Édition préparée par Marie Jaisson. Paris: PUF, 2008.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. La religion comme chaîne de la mémoire. In: HALBWACHS, Maurice. *La topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte*, 2008. p. 31-42.

HOLLIER, Denis. À l'en-tête d'Acéphale e Addendum 1994 In: *Le Collège de Sociologie, 1937-1939*. Paris: Gallimard, 1995.

LEIRIS, Michel. La jeune ethnographie. *Masses*, Paris, n. 3, março 1933.

\_\_\_\_\_. *Afrique fãntome*. Tradução André Pinto Pacheco. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

\_\_\_\_\_. Le sacré dans la vie quotidienne. In: HOLLIER, Denis (Ed.). *Le collège de sociologie, 1937-1939*. Paris: Gallimard, 1995. 2. ed.

\_\_\_\_\_. *Miroir de la tauromachie*. Tradução Samuel Titan Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

\_\_\_\_\_. *L'âge d'homme*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

\_\_\_\_\_. *La langue secrète des Dogons de Sanga*. Paris: Institut d'ethnologie, 1992.

\_\_\_\_\_. *L'homme sans honneur*. Notes pour le sacre dans la vie quotidienne. Ed. établie, présentée et annotée par Jean Jamin. Paris: Jean-Michel Place, 1994.

Recebido em: 10/12/2016

Aprovado em: 20/02/2017

